



# GUIA DA ARQUITETURA VERNACULAR KALUNGA

difusão e preservação  
dos saberes tradicionais

**Polo UnB Kalunga - 2023**

Liza Maria Souza de Andrade | Carlos Pereira Kalunga

Caio Monteiro Damasceno | Luana Figueiredo de Carvalho Oliveira

Talita Xavier Maboni | Valmor Cerqueira Pazos

[ 1ª edição ]

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Guia da arquitetura vernacular Kalunga [livro eletrônico] : difusão e preservação dos saberes tradicionais / Liza Maria Souza de Andrade... [et al.]. -- Brasília, DF : LaSUS FAU, 2023.  
PDF

Outros autores: Carlos Pereira Kalunga, Caio Monteiro Damasceno, Talita Xavier Maboni, Luana Figueiredo de Carvalho Oliveira.

Bibliografia.

ISBN 978-65-84854-17-8

1. Arquitetura 2. Design vernacular I. Andrade, Liza Maria Souza de. II. Kalunga, Carlos Pereira. III. Damasceno, Caio Monteiro. IV. Maboni, Talita Xavier. V. Oliveira, Luana Figueiredo de Carvalho.

23-173392

CDD-720

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arquitetura 720

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

GUIA DA  
ARQUITETURA  
VERNACULAR  
KALUNGA

## **UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB**

Reitora Márcia Abrahão Moura

Vice-Reitor Enrique Huelva Unternbäumen

Decana de Pesquisa e Inovação Maria Emília Machado Telles Walter

Decano de Pós-graduação Lúcio Remuzat Rennó Junior

Decana de Extensão Olgamir Amancia Ferreira

## **FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO - FAU**

Diretor Caio Frederico e Silva

Vice-Diretora Maria Claudia Candeia e Souza

Coordenadora de Pós-graduação Carolina Pescatori Candido da Silva

## **ORGANIZADORES**

Coordenadora geral Prof<sup>a</sup> Liza Maria Souza de Andrade

Coordenador Adjunto Caio Monteiro Damasceno

Coordenadora Adjunta Talita Xavier Maboni

Coordenador local Carlos Roberto Pereira da Conceição

Coordenadora científica Luana Figueiredo de Carvalho Oliveira

Coordenador executivo Valmor Cerqueira Pazos

### **realização:**



## ESTUDANTES E BOLSISTAS

Angélica Azevedo e Silva

Laila Beatriz de Almeida

Lara Moro Boasserts

Luna Catrina Pontes Nascimento

Mileny Mendes dos Santos

Tainá Brederode Sihler Rossi

## COLABORADORES

Alcileia Torres (Rede Kalunga Comunicações)

Andreia Alves do Prado (IFG Uruaçu)

Franciso Octávio Bittencourt de Sousa (Antropologia/UNB)

Jéssica Azevedo Coelho (IFG Uruaçu)

Lívia Barros Wiesinieski (CET/UnB)

Luiz Fellipe Machado da Silva (Pólen Lab)

Marlon Santos (Construtora MK)

Nadia Wyara Pazos (UNILS)

## apoio:



# “VIVÊNCIA KALUNGA”

Os povos quilombolas kalungas,  
São de origem tradicional,  
Elas moram no meio do campo,  
Tem uma vivência tão natural.

O território quilombola kalunga,  
É pleno de beleza,  
Têm tantas coisa bonitas,  
Em meio a natureza.

Os povos que ocupam o território kalunga,  
Tem muito movimento, conhecimento e  
experiência,  
A história dos povos kalungas,  
Tem centenas de anos de existência.

A moradia dos povos kalungas,  
É feita de palha adobe e madeira,  
No meio da tão calma natureza,  
As águas dos rios correm na corredeira.

O território quilombola kalunga,  
Há mais de 3 séculos de existência,  
Hoje nele há tantos habitantes,  
Graças a nossa resistência.

Os kalungas roçam a área na mata,  
Para fazer a plantação,  
Eles plantam mandioca, milho, arroz,  
Abóbora, melancia e feijão.

Na roça tem gergelim,  
Quiabo, maxixe e banana,  
Tem jiló, algodão, batata-doce,  
Melão, pepino e cana.

No cerrado tem baunilha,  
Jatobá, cagaita e tinguí,  
Tem barú, mangaba e caju,  
E não esqueço do pequi.

Tem a sussa Kalunga,  
Que é um tipo de dança,  
Usam saia, usam broaca,  
Pra fazer essa festança.

Os mais velhos contam histórias,  
Passadas de geração a geração,  
Para que nunca acabe a história,  
Dessa nossa bela região.

Os habitantes do kalunga,  
Preservam o cerrado da região,  
Desmatam apenas a área de uso,  
Para fazer a plantação.

O modo de vida dos kalungas,  
É cada trabalhar por si,  
Com a plantação na roça,  
Para ter comida a servir.  
Eles roçam e fazem a roça,



figura 01

Fazem o plantio de mandioca,  
Dela se faz farinha, bolo e beijú,  
E ainda tem a tapioca.

Os povos quilombolas kalungas,  
Tem um vínculo com o cerrado,  
Eles colhem os frutos das árvores,  
E com as árvores eles tem cuidado.

Os quilombos kalungas,  
Tem a mais pura riqueza,  
O privilégio de morar no campo,  
Em meio a natureza.

Tem a comida caseira,  
Feita no fogão caipira,  
A lenha é feita das árvores,  
Principalmente a sucupira.

A moradia dos povos Kalungas,  
É 100% bioconstrução,  
Em prol da sustentabilidade,  
E da biodiversidade da região.  
Os materiais utilizados na construção,

Não agridem o meio ambiente,  
Os Kalungas usufruem da natureza,  
De forma muito consciente.

Essa é a nossa vivência,  
É o nosso modo de viver,  
Eu ainda sou adolescente,  
Tenho muito a aprender.

A nossa história é tão grande,  
São muitas coisas pra contar,  
Por meio dessa literatura,  
Um pouco da minha história consegui recitar.

Por aqui a inscrita se encerra,  
Sobre o modo de vida, território e plantação,  
É a história dos povos quilombolas kalungas,  
É a história da minha região.

**Alcileia Torres**

**(poetisa Kalunga)**



figura 03

# ÍNDICE

---

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
1.1 Introdução	16
1.2 Metodologia - pesquisa-ação	20
1.3 Atividades e oficinas	22
1.4 Sobre o guia	26
<b>2. HISTÓRIA E CULTURA</b>	<b>29</b>
2.1 História e Reconhecimento do Quilombo Kalunga	30
2.2 Linha do tempo	34
2.3 Apresentação do território Kalunga	38
2.4 Territorialidade e cultura Kalunga	46
2.5 Festejos, Religiosidade e Ancestralidade	50
<b>3. ARQUITETURA VERNACULAR KALUNGA</b>	<b>59</b>
3.1 A construção com terra Kalunga	60
3.2 Arquitetura vernacular kalunga e patrimônio construtivo	71
3.3 Os “novos” saberes antigos: A bioconstrução Kalunga	76
<b>4. QUESTÕES EMERGENTES</b>	<b>95</b>
4.1 Diagnóstico e Problemáticas	96
4.2 Cenário da Construção Civil na Chapada dos Veadeiros	98
4.3 Direito ao Território e Regularização Fundiária	106
4.4 Impactos das mudanças climáticas no Território	112
<b>5. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E PESQUISA</b>	<b>117</b>
5.1 Quem somos?	118
5.2 Coordenação	119
5.3 Rede sociotécnica	124
5.4 Site AVK	126
5.5 Sementes plantadas	127
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>129</b>
6.1 Conclusão	130
6.2 Lista de figuras	132
6.3 Referências bibliográficas	143



figura 04



figura 05

---

## capítulo 3

# ARQUITETURA VERNACULAR KALUNGA

Autores: Talita Maboni, Caio Damasceno, Luna Nascimento, Tainá Rossi, Carlos Pereira, Marlon Santos e Alcileia Torres

---

### 3.1 A CONSTRUÇÃO COM TERRA KALUNGA

Historicamente o conhecimento da construção com terra no Brasil praticada pelos indígenas recebeu importante incremento com as técnicas milenares de construção africanas no aprimoramento do uso dos materiais naturais já utilizados, como a madeira e a palha, transmitidas pelas pessoas que foram escravizadas e trazidas à força ao continente americano. Ainda hoje, técnicas como a taipa de mão e o adobe são amplamente utilizadas, especialmente em zonas rurais, mantendo a tradição da construção com terra.

Outro incremento veio por parte dos colonizadores europeus, que trouxeram técnicas de construção com estruturas mais robustas, como a taipa de pilão, muito utilizada no período colonial e que foi perdendo espaço na produção vernacular devido a sua complexidade de execução, maior demanda de tempo, mão de obra e volume de materiais.

A disseminação desse conhecimento empírico e **vernacular**, ou **popular**, também deve ser entendida como patrimônio que expressa a cultura e os modos de vida dessas populações. Contudo, as técnicas construtivas com

terra foram reconhecidas inicialmente como patrimônio apenas nas arquiteturas coloniais portuguesas, em geral as construções militares, religiosas e aristocráticas, como a casa grande.



figura 48



figura 49

No caso das arquiteturas populares autoconstruídas, como as casas dos trabalhadores, independente das técnicas utilizadas essas construções não eram valorizadas. Esse processo de desvalorização das técnicas populares acarretou na depreciação das técnicas tradicionais de origem africana e indígena, que faziam uso dos elementos naturais existentes no local para a construção. Comumente associadas à pobreza e à falta de recursos na sociedade colonial (branca e racista), essas construções passaram a ser “apagadas” e substituídas por técnicas consideradas “modernas” e (higiênicas)

A priorização dos materiais de construção industrializados são um exemplo da hierarquia de valores entre os elementos mais simples da natureza e elementos de luxo. A construção imagética de precariedade e insalubridade advém desde o período colonial. Nos períodos do império e república, com a consolidação das cidades brasileiras e avanço na urbanização, o abismo entre o campo e cidade, assim como a origem das técnicas construtivas se alargou e se consolidou na depreciação e exclusão das técnicas vernaculares de origem popular.

Neste guia, entende-se que os modos de vida, cultura e saberes construtivos da Arquitetura Vernacular Kalunga são elementos que trazem identidade ao sítio histórico e por isso devem ser considerados patrimônio também.

## Arquitetura “Vernacular” & Arquitetura “Popular”

O termo arquitetura vernacular caracteriza o tipo de construção que possui uma identidade cultural local, pois expressa dialetos étnicos locais e regionais de uma sociedade (Oliver, 2006). “Arquitetura popular” também é bastante usado para a arquitetura que se baseia no saber do povo, no entanto é um termo que envolve muitas discussões e abrange diversos tipos de construções, inclusive aquelas que não estão necessariamente vinculadas a saberes tradicionais ou que são construídas para a comunidade, sem o processo participativo destas (SANTOS e COSTA, 2017). O modo de construir

Kalunga incorpora várias inovações e adaptações de saberes ancestrais, por isso chamar de arquitetura tradicional pode ser limitante nesse caso.

É importante reconhecer que não há uma verdade absoluta e essa discussão ainda pode ser bem aprofundada, contudo escolhemos usar o termo “Arquitetura Vernacular” nesse guia por acreditarmos que seu conceito é o mais adequado para o que queremos abordar. Embora ainda seja um termo restrito ao meio acadêmico, ao utilizarmos cada vez mais no nosso cotidiano, poderemos torná-lo mais acessível.

*“ao usar o termo ‘arquitetura vernácula’ abraço todos os tipos de construções feitas por pessoas em sociedades tribais, folclóricas, camponesas e populares onde um arquiteto ou designer especializado não está envolvido no processo”*

(OLIVER, 2006, p. 30, tradução nossa).



figura 50

No caso dos primeiros quilombolas que começaram a habitar a região onde formou-se o quilombo Kalunga no século XVII, foi preciso aprender a sobreviver nesse espaço e conhecer a natureza ao seu redor e os recursos por ela oferecidos. Como construtores natos, aprenderam a distinguir nas árvores as madeiras úteis para construção de ferramentas, mobiliários e casas, como o jatobá, ipê, aroeira e sucupira branca, das quais podiam extrair os esteios para a casa de pau-a-pique, os barrotes e as vigas. As tabocas rachadas e os galhos de árvores do cerrado serviam de varas que, quando trançadas e amarradas com cipó, eram recobertas com terra amassada com água, formando as paredes de taipa de mão. Palmeiras como o buriti e indaiá forneciam palha para cobrir os telhados das casas e algumas paredes também. Dos barrancos dos rios aprenderam a coletar o barro ideal para fazer adobe, entendendo que a resistência dessa terra era maior que a da terra crua (MEC, 2001).

O emprego da palha nas coberturas possivelmente veio como herança africana e indígena, mas atualmente essa utilização da palha vem diminuindo devido à rápida propagação do fogo e a baixa durabilidade que a fibra possui.



figura 51



### Curiosidade:

A palavra adobe deriva da palavra árabe “**thobe**”, que significa blocos de terra não cozida. **A taipa e o pau a pique** são exemplos de técnicas construtivas com terra crua.

Existem edificações milenares feitas com terra conservadas até o dia de hoje, por exemplo as **Muralhas da China**.

O uso do adobe e a construção com terra em geral tem sido muito estudado pelas suas características térmicas e sustentáveis.

Fonte: GOMES et al, 2019.

Mesmo que a região habitada pelos Kalungas seja rica em pedras, a construção com terra foi priorizada devido às suas vantagens em relação à extração, ao manejo, ao tempo de execução e à facilidade de expansão territorial, por ela ser mais simples e acessível em relação à construção com pedras, contribuindo para a autonomia do povo Kalunga.

Importante salientar que o conhecimento acadêmico atual sobre a arquitetura Kaunga tem grande contribuição do professor Jaime Gonçalves de Almeida da UnB. Com seu pioneirismo no tema, difundiu esse conhecimentos por meio de publicações acadêmicas sobre a arquitetura Kalunga (2005), além dos trabalhos técnicos com a comunidade (2004a, 2004b) e apresentações sobre o tema (2007, 2008).

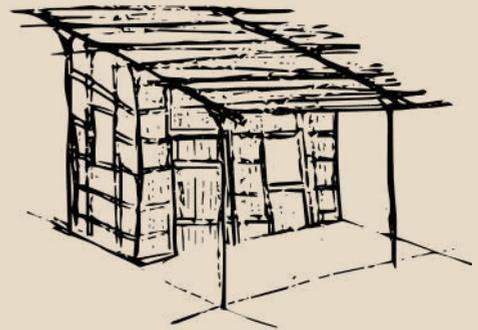
01



**Paredes:**  
Ripa de Buriti (figura 51)  
Ripa de coco seco

**Cobertura:**  
Folha de Buriti

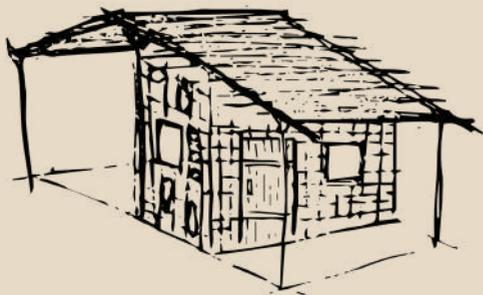
02



**Paredes:**  
Enchimento com palha de Burti  
Amarrado com cipó (figura 49)

**Cobertura:**  
Folha de Buriti

03



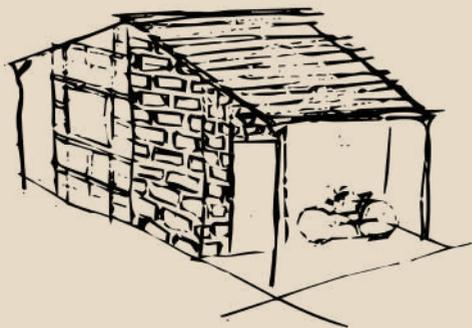
**Paredes:**

Pau a pique (figura 48):  
Terra + ripas de Taboca

**Cobertura:**

Folha de Buriti

04



**Paredes:**

Adobe na fachada principal com tijolos de  
40x20cm (figura 55)  
Enchimento na parte mais reservada

**Cobertura:**

Folha de Buriti

Nas ilustrações ao lado, percebe-se as variadas técnicas que utilizam madeira, terra e fibras vegetais, nas quais a figura 01 é a construção mais frágil com vedação apenas de fibras, as figuras 02 e 03 misturam fibras com terra, nas paredes de enchimento e pau a pique e a 04 já apresenta maior durabilidade e resistência com o uso da terra como adobe.



figura 52

Apesar do uso da terra, da palha e da pedra apresentarem prós e contras no emprego em construções, esses três materiais abundantes no território kalunga permitiram a autoconstrução de base familiar, contribuindo para a fixação deste povo naquelas terras e deixando clara a relação entre a ocupação territorial e a moradia kalunga no sentido de que a construção com terra é forte, resistente e reforça o sentido de posse do lugar (ALMEIDA, 2004).

Ainda que essas técnicas sejam adaptadas ao clima local e acessíveis à comunidade, o cenário atual de crescimento desordenado do turismo e urbanização acelerada traz o incentivo ao uso de materiais industrializados com tecnologias importadas de outras regiões sob a premissa do “desenvolvimento”, o que afeta a arquitetura vernacular da região da Chapada dos Veadeiros e promove a perda dos saberes populares.

Nesse sentido, se faz urgente a criação de estratégias que redirecionem o turismo e os investimentos públicos para a preservação do patrimônio construtivo na Chapada dos Veadeiros, de forma que as atividades turísticas conscientizem e divulguem a relevância desse patrimônio material e imaterial, se atentando para não objetificá-lo apenas como mercadoria. Esse

processo de mercantilização dos saberes tradicionais pode ser observado nos empreendimentos dos novos investidores da região, na maioria das vezes vindos de outras cidades e estados, que contratam construtores kalunga a preços de mão de obra barata para produzir e construir com o “adobe kalunga”, o que agrega valor ao seu negócio como se fosse uma marca, mas por trás esconde a apropriação apenas mercadológica da cultura kalunga, tendo em conta o baixo retorno financeiro que a comunidade recebe com o uso de seus saberes.



figura 53

## 3.2 ARQUITETURA VERNACULAR E PATRIMÔNIO

Patrimônio cultural é tudo que tem importância e relevância para a sociedade, o que abrange bens materiais, como cidades, paisagens naturais, territórios, edificações e obras de arte, como também bens imateriais, que são saberes, expressões e técnicas, configurando danças populares, lendas, tradições e modos de fazer e construir característicos de uma sociedade. Para reconhecimento legal desses patrimônios existem instituições que os regularizam e documentam: a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), que é responsável por definir os patrimônios mundiais, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que atua a nível nacional e as prefeituras e os governos estaduais, que regularizam os patrimônios regionais.

Sendo um país de vasta extensão territorial e biomas diversos, os sistemas construtivos brasileiros variam entre as regiões de acordo com o clima, os ventos, a insolação, os materiais disponíveis localmente, as técnicas de execução e as sabedorias socioculturais de cada lugar.

Apesar de o ensino hegemônico de

arquitetura nas instituições de educação superior no Brasil ainda manter o foco na importação das técnicas construtivas européias e pouco tratar da arquitetura verdadeiramente brasileira e **descolonizada do europeu**, temos na arquitetura vernacular dos povos nativos a verdadeira expressão nacional, podendo esta ser definida como aquela em que são empregados materiais e recursos do meio ambiente em que a construção foi feita, integrada e adaptada ao clima, economia e cultura locais e com os conhecimentos construtivos repassados de geração em geração, trazendo os conceitos de simplicidade, adaptabilidade e funcionalidade das construções.

A execução das construções com base no mutirão comunitário ou familiar e a autonomia intrínseca à esses processos de autoconstrução proporcionam independência para construir suas moradias e empoderamento comunitário, tanto em zonas urbanas quanto rurais, onde os conhecimentos imateriais relacionados a esse saber-fazer são difundidos e coletivamente fortalecidos.

A reprodução das técnicas entre as gerações não significa uma “eterna cópia dos espaços edificados”, sem a possibilidade de aprimoramento e melhorias com a implementação e adaptação de novos conhecimentos, mas pelo contrário, o dinamismo cultural promove a transformação e manutenção das técnicas ancestrais inseridas nos novos contextos temporais. Esses patrimônios carregam componentes socioculturais valiosos, e reconhecer essa identidade cultural afro-indígena-brasileira e valorizar suas qualidades construtivas e arquitetônicas é valorizar também o próprio patrimônio brasileiro.

Para que a arquitetura vernacular Kalunga tenha seu reconhecimento como patrimônio garantido é preciso que a sociedade valorize e a entenda como tal, não apenas no uso das técnicas como uma tendência, mas no papel efetivo de reprodução de um modo de vida verdadeiramente sustentável. O uso da terra como material construtivo, muito mais do que ser um material ambientalmente sustentável, carrega em si a sabedoria ancestral nos modos de fazer e viver. Academicamente, isso é chamado de significância cultural e esse processo depende ativamente da

sociedade e da discussão dos valores que o item possui (RIBEIRO; LIRA, 2012).

Esse trabalho visa contribuir com a difusão e registro das tradições para inspirar sua continuidade para as novas gerações. E também, que possa incentivar o reconhecimento da importância da arquitetura vernacular Kalunga para a sociedade e contribuir de alguma forma para a construção de sua significância cultural.



figura 54





figura 55

### 3.3 OS “NOVOS” SABERES ANTIGOS: A BIOCONSTRUÇÃO KALUNGA

---

De forma resumida, a bioconstrução pode ser definida como a utilização de técnicas de arquiteturas vernaculares e saberes construtivos populares que utilizam materiais locais naturais e soluções bioclimáticas mais simples e intuitivas e integradas com a natureza do espaço, traduzindo a sabedoria e a criatividade de um povo que perpetua esses conhecimentos entre as gerações através da autoconstrução.

Além das técnicas construtivas e emprego de materiais ecológicos, renováveis e presentes no entorno, todo o ciclo de vida da construção, desde a extração dos materiais, seu uso e manutenção e até mesmo sua demolição são considerados, assim como a forma de lidar com os resíduos, o lixo, o esgoto, a água e a energia, diminuindo a dependência dos sistemas municipais e tratando-os para que eles retornem à natureza sem agredi-la.

Diversas técnicas e materiais naturais são utilizados na bioconstrução, mas a construção com terra ganha destaque por sua adaptabilidade e

abrangência em diversas partes do mundo. Afinal, a terra é o material mais abundante do planeta (GERNOT, 2016). O conforto térmico que as técnicas que utilizam esse material oferece, deixando o ambiente interno da construção “mais fresco” independente de fazer frio ou calor do lado de fora pela capacidade de absorção e propagação lenta do calor pela terra, faz dela uma solução ecológica de fácil acesso.

Buscando priorizar mais as relações humanizadas do que as relações meramente mercadológicas que acontecem na construção civil, ao valorizar o saber dos mestres e mestras construtores, evidenciamos o lado social e humano desses conhecimentos, que nos ensinam a observar a natureza ao nosso redor, outros tempos dos ciclos, cultivar e aguardar o plantio e a recriar soluções criativas com os recursos e alternativas existentes no local.

Assim, com suas técnicas de arquitetura vernacular repassadas entre as gerações pelos mais velhos e constantemente adaptadas com

os conhecimentos adquiridos pelos mais novos como parte do contexto contemporâneo, podemos dizer que os kalungas são bioconstrutores natos que trazem uma herança de saberes construtivos que não pode ser apagada ou substituída, sendo fundamental valorizar os movimentos autônomos de construtores kalunga e difundir seus trabalhos.

As páginas a seguir apresentam um “glossário” não convencional, onde os principais termos utilizados neste trabalho são ilustrados por explicações da própria comunidade.

São elementos e termos tradicionais do processo de construção, variando desde elementos construtivos até termos e relações de troca, como o mutirão. O processo de transmissão de conhecimentos e valorização dos saberes tradicionais são transmitidos popularmente pela oralidade. Dessa forma incluímos links de entrevistas realizadas por Alcileia Kalunga, onde os quilombolas fazem relatos explicando as técnicas e os materiais construtivos utilizados.

Com o intuito de valorizar o patrimônio cultural Kalunga, e especialmente as suas técnicas construtivas, acreditamos ser uma forma

lúdica na qual os termos de caráter vernacular podem se popularizar.

Um dos maiores preconceitos contra a construção com terra se relaciona com a presença do mosquito barbeiro, que transmite a doença de Chagas, mas é importante ressaltar que o barbeiro pode se alojar em frestas de qualquer tipo de construção, independente do material empregado.

“ADOBE”

---



figura 56

**Seu João**

Comunidade Kalunga Vão de Almas

“ENXUMENTO”  
(com palha ou terra)

---

“CASA DE TERRA”

---

“RANCHO /  
RANCHÃO”

---

## CONFORTO TÉRMICO

*"É muito fresco pra gente ficar."  
"...a de adobe é mais fresca, e a de telha é  
muito quente."*



## CONHECIMENTOS ANTIGOS E NOVOS

*"No momento, eu acho que tem desses que  
não sabem o que é uma casa enxumentada,  
porque agora tem o adobe."*



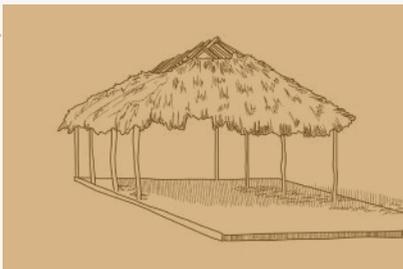
## LIGAÇÃO AFETIVA

*"Eu sinto muito alegre, porque eu fui nascido  
e criado tendo contato com a terra, porque  
de primeiro nós não conhecia cimento."*



## CONHECIMENTOS PASSADOS DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

*"...aprendi a construir um ranchinho de roça  
com mãe e pai. É que eu via eles fazendo, e  
aí a gente vai crescendo e sempre tem que  
pegar aquele dom."*





**Dona Dirani**

Mestra dos Saberes e Fazeres Ancestrais



QR CODE:

*Entrevista completa  
com Dona Dirani*

“MUTIRÃO”

“ARQUITETURA  
VERNACULAR E  
PATRIMÔNIO”

“FORQUILHA”

“TABOCA”

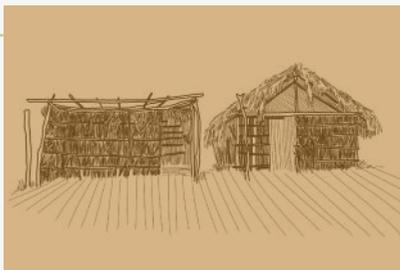
## AUTOCONSTRUÇÃO

*"Eu ajudei a construir, que meu pai fazia né e nós morava na casa de palha feita de barro. Enxumentava de pau e jogava barro pelas paredes, e aprendi com meu pai."*



## PRESERVAR PARA NÃO PERDER O SABER

*"...primeiramente as casa era de enxumento e enfiado palha. Depois passou a jogar barro. Hoje os mais jovens não conhecem uma casa enxumentada e jogada barro."*



## USO DE MATERIAIS LOCAIS

*"Os materiais tirava os pau do cerrado, apanhava as taboca do cerrado, tirava cipó pra amarrar as paredes pra poder jogar o barro."*



*"...tirava as forquilhas, panhava caibro, panhava feixo de palha pra nós tirar palha no cerrado pra armar nossa casa com pau, e pra ribuçar, pra nós fazer os tear e fazer as paredes enxumentadas de pau e jogada barro."*





figura 58

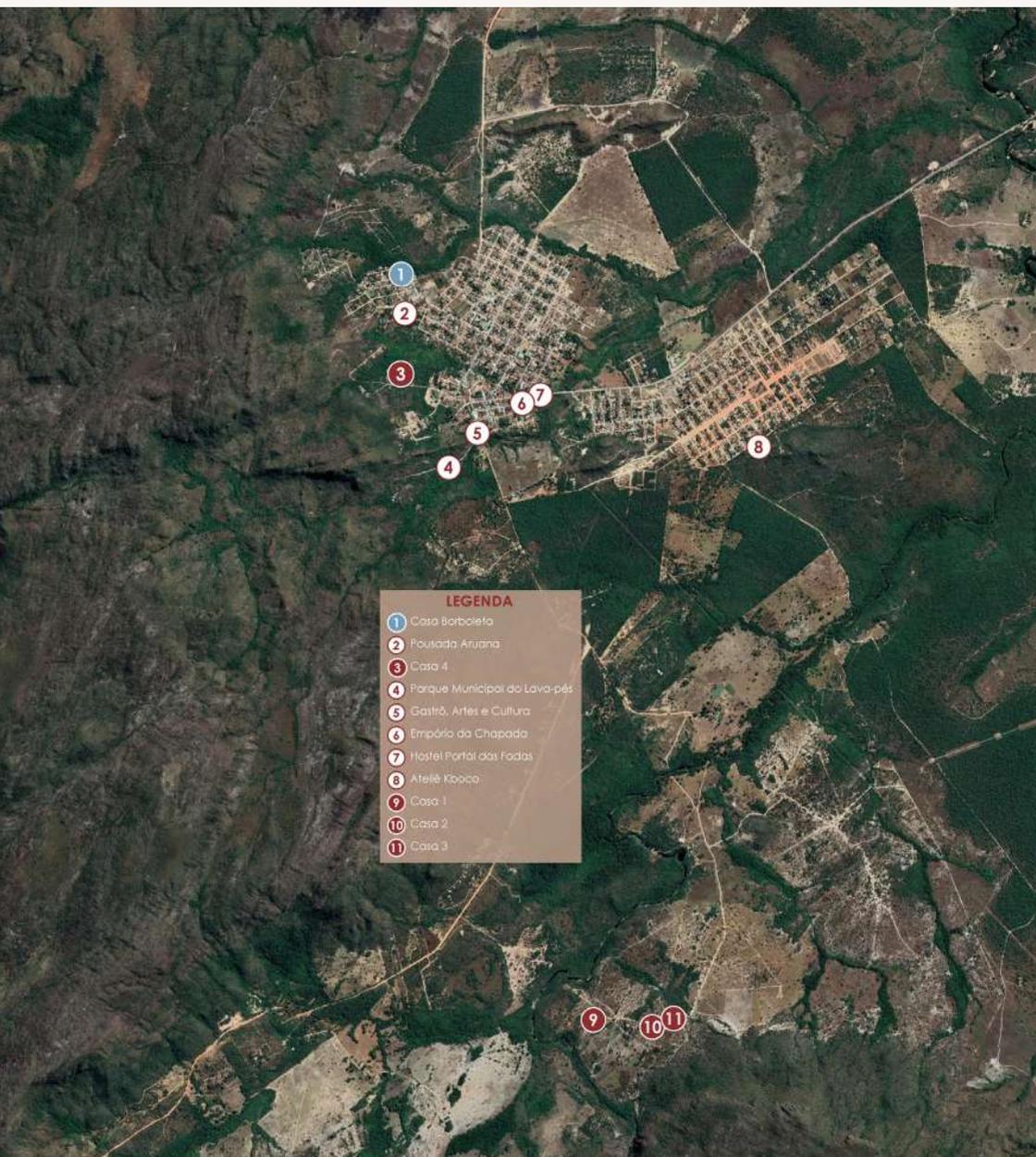
Como já comentado neste guia, o aumento do interesse imobiliário pela região da Chapada dos Veadeiros tem feito a construção civil andar a passos acelerados, bem como a procura por técnicas construtivas “kalungas” de se construir, apesar da pouca valorização da mão de obra local. Em outros casos, os novos “investidores” que estão construindo na região acabam por preferir técnicas de construção convencionais, descaracterizando o saber construtivo local.

Com esse intenso movimento turístico na região, por um lado vemos o ecoturismo promover o crescimento econômico para os municípios e motivar proteções ambientais. Contudo, por outro lado, observa-se uma lacuna com a falta de proteção do patrimônio cultural local. Paralelamente, a arquitetura vernacular pode trazer um movimento turístico também, dando origem a novos circuitos e difusão de saberes construtivos dentro da bioconstrução, estimulando um processo de valorização desse patrimônio. Por isso, ressaltamos a importância da conscientização e sensibilização das comunidades locais, dos turistas, arquitetos, engenheiros e construtores que estão atuando localmente sobre a importância da preservação e difusão

desse patrimônio construtivo.

Para fortalecer e difundir processos autônomos de bioconstrutores kalunga da região, apresentamos a seguir o trabalho do Carlos e do Marlon, naturais da região e que trazem o conhecimento ancestral da construção com terra aprendido com seus antepassados junto a conhecimentos contemporâneos que adquiriram.

## Mapa das construções AVK



- LEGENDA**
- 1 Casa Borboleta
  - 2 Pousada Arujana
  - 3 Casa 4
  - 4 Parque Municipal do Lava-pés
  - 5 Gastrô, Artes e Cultura
  - 6 Empório da Chapada
  - 7 Hostel Portal das Fadas
  - 8 Ateliê Kiboco
  - 9 Casa 1
  - 10 Casa 2
  - 11 Casa 3

MAPA 04 - Construções Vernaculares Kalunga em Cavalcante, GO  
Elaboração: Oliveira e Nascimento, 2022



## LEGENDA:

- Construções AVK
- Construções / Carlos
- Construções / Marlon

O **Mapa das Construções** nos ajuda a identificar as construções cadastradas na Rede Sociotécnica, facilitando o acesso às mesmas.

Como os outros frutos do trabalho, também é um material colaborativo, onde você pode inserir alguma construção AVK que goste ou que tenha construído!

Acesse os pontos do mapa lendo o QR Code ou clicando no link abaixo:



<https://goo.gl/maps/zjhwARDFi9ogpUJt8>

O projeto Ciranda Viva Bioconstrução, conduzido pelo bioconstrutor kalunga Carlos Pereira, em Cavalcante, busca difundir os saberes construtivos kalunga entre os jovens da comunidade que querem se especializar nas técnicas e atuar no mercado de trabalho da construção civil. Outra iniciativa é a empresa MK, criada pelo bioconstrutor kalunga Marlon Santos, que fundou sua própria construtora e executa diversos projetos na Chapada dos Veadeiros.

Essas, e outras iniciativas difundem as técnicas vernaculares kalunga, como o adobe, a taipa de mão, as coberturas em palhas vegetais, entre outras, e incorporam novas técnicas de construção aos seus trabalhos com terra como o tijolo de solo-cimento, a taipa de pilão e o uso de tintas de terra. Dessa forma, percebemos os conhecimentos dos antigos se mesclando aos conhecimentos dos mais novos, a renovação e a manutenção da cultura e a preservação do patrimônio construtivo, material e imaterial se desenvolvendo como um organismo vivo e adaptável ao tempo.



figura 59



figura 60

Projetos como esse reforçam a importância do reconhecimento, valorização e proteção desse patrimônio e demonstram como a preservação de técnicas ancestrais pode impactar positivamente as comunidades locais e ainda o próprio mercado imobiliário, que contribui com o processo de difusão do saber Construtivo Kalunga, ao aproveitarem a alta demanda em curso por projetos de bioconstrução na Chapada.

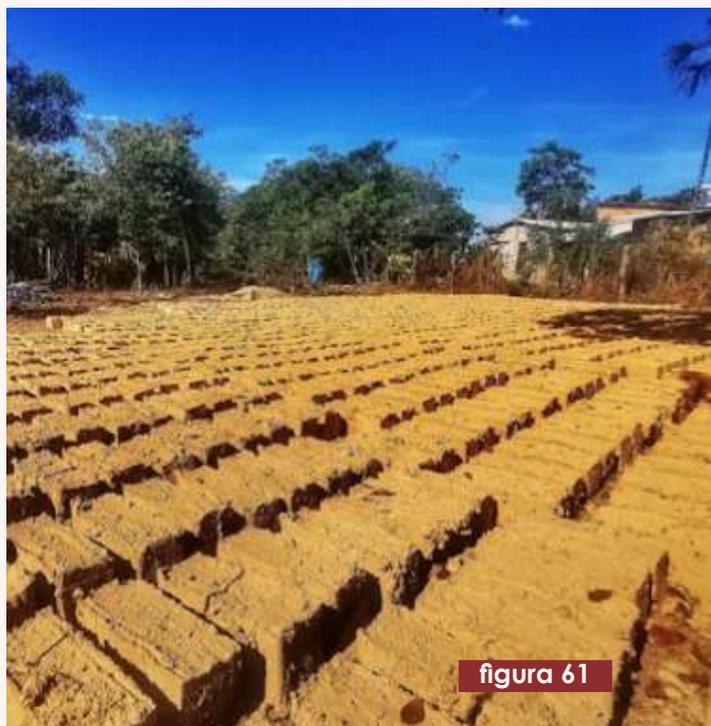


figura 61

## Rede Sociotécnica



**Carlos Roberto Pereira**

[ Ciranda Viva Bioconstrução ]

>> Bioconstrutor Kalunga

### SERVIÇOS PRESTADOS:

- > Produção de tijolos de Adobe
- > Piso de Cimento queimado
- > Deck de madeira
- > Muros de tijolos de Adobe
- > Estrutura de telhado
- > Mosaicos de cerâmica (piso e parede)
- > Construção convencional (tijolo cerâmico)
- > Produção de tintas naturais (à base de terra)

### TRABALHOS REALIZADOS:



### CONTATO:

Telefone: +55 62 99867-7528

| Instagram: @carlos\_aroeira



figura 62



figura 63



figura 64



figura 65



figura 66



figura 67



figura 68



figura 69



figura 70



figura 71



figura 72



figura 73

## Rede Sociotécnica



**Marlon Pereira dos Santos**

[ MK Construtora ]

>> Bioconstrutor Kalunga

### SERVIÇOS PRESTADOS:

- > Taipa de Pilão
- > Tijolos de Adobe
- > Pau apique
- > Cimento queimado
- > Deck de madeira
- > Muros de pedra
- > Estruturas de Eucalipto / Madeira
- > Construção convencional (tijolo cerâmico)

### TRABALHOS REALIZADOS:



### CONTATO:

Telefone: **+55 62 99909-7760** | Instagram: **@marloncvc123**



figura 74



figura 75



figura 76



figura 77



figura 78

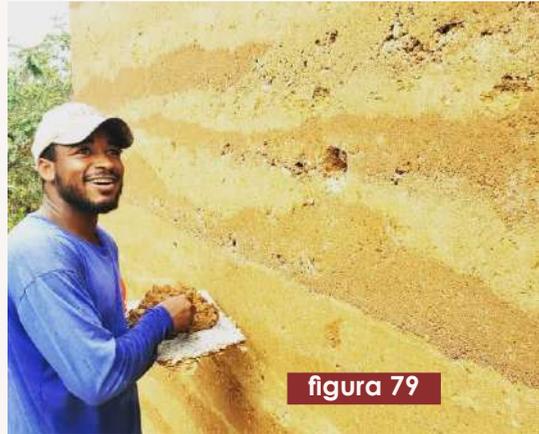


figura 79



figura 80



figura 81



figura 82



figura 83

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Cajuzinho do cerrado

fonte: Alciléia Torres, 2022

nº da página: 07

Figura 02 - Produção de tijolos de adobe - Carlos Pereira e Ciranda Viva

fonte: Caio M. Damasceno, 2022

nº da página: 10

Figura 03 - Casa com Ranchão nos fundos

fonte: Caio M. Damasceno, 2021

nº da página: 11

Figura 04 - Barraca montada para época de festejo - Vão do Moleque

fonte: Caio M. Damasceno, 2022

nº da página: 13

Figura 05 - Antigo baracao na comunidade engenho II

fonte: Talita X. Maboni, 2017

nº da página: 14

Figura 06 - Oficina de Tijolos de Adobe, na SEMUNI da UnB

fonte: Caio M. Damasceno, 2022

nº da página: 20

Figura 07 - Roda de Conversa sobre a Rede Sociotécnica

fonte: Caio M. Damasceno, 2022

nº da página: 20

Figura 08 - Grupo Periférico durante desenvolvimento do projeto, em Cavalcante/GO

fonte: Valmor C. Pazos, 2021

nº da página: 20

Figura 09 - Grupo Periférico durante desenvolvimento do projeto, em Cavalcante/GO

fonte: banco de imagens do Projeto, 2021

nº da página: 20

Figura 10 - Roda de Conversa - Câmara Municipal de Cavalcante/GO

fonte: banco de imagens do Projeto, 2021

nº da página: 23

Figura 11 - Roda de Conversa - Câmara Municipal de Cavalcante/GO  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2021  
nº da página: 23

Figura 12 - Oficina de Tijolos de Adobe na SEMUNI da UnB  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 23

Figura 13 - Oficina de Tijolos de Adobe na SEMUNI da UnB  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 23

Figura 14 - Roda de Conversa sobre a Rede Sociotécnica  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 23

Figura 15 - Roda de Conversa sobre a Rede Sociotécnica  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 23

Figura 16 - Oficina no V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 23

Figura 17 - Oficina no V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 23

Figura 18 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Valmor C. Pazos, 2022  
nº da página: 24

Figura 19 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 24

Figura 20 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 24

Figura 21- - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Liza M. S. Andrade, 2022  
nº da página: 24

Figura 22- V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 24

Figura 23 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 24

Figura 24 - Aula sobre tijolos de adobe com Carlos Pereira e Ciranda Viva - SEMUNI/UnB  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 25

Figura 25 - Oficina de Tijolos de Adobe - SEMUNI/UnB  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 25

Figura 26 - Roda de Conversa - Câmara Municipal de Cavalcante/GO  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2021  
nº da página: 25

Figura 27 - Vista Aérea comunidade Engenho II  
fonte: Valmor Pazos Filho, 2021  
nº da página: 28

Figura 28 - Capela do Vão do Moleque  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 33-34

Figura 29 - Vista Aérea comunidade Engenho II  
fonte: Valmor Pazos Filho, 2021  
nº da página: 34

Figura 30 - Cruzeiro e mastros com bandeiras dos santos - romaria do Vão do Moleque  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 36

Figura 31 - Vista Aérea comunidade Engenho II  
fonte: Valmor Pazos Filho, 2021  
nº da página: 37

Figura 32 - Vista Aérea comunidade Engenho II  
fonte: Valmor Pazos Filho, 2021  
nº da página: 37

Figura 33 - Travessia no Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 39

Figura 34 - Mirante da Nova Aurora, imagem feita com Drone  
fonte: Valmor Pazos Filho, 2021  
nº da página: 42-43

Figura 35 - Vista panorâmica do Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 44-45

Figura 36 - Rio Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 44-45

Figura 37- Travessia no Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 47

Figura 38- Vista panorâmica do Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 48-49

Figura 39 - Barracão comunitário para encontros e celebrações  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 51

Figura 40 - Interior da Capela do Vão do Moleque com decoração para a Romaria  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 52

Figura 41 - Momento das 'oito horas', parte da procissão da romaria do Vão do Moleque  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 53

Figura 42 - Momento das 'oito horas', parte da procissão da romaria do Vão do Moleque  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 55

Figura 43 - Campeonato de futebol na comunidade Engenho II  
fonte: Caio M. Damasceno, 2021  
nº da página: 56

Figura 44 - Comida Kalunga  
fonte: Liza M. S. Andrade, 2018  
nº da página: 56

Figura 45 - Cozinha Kalunga  
fonte: Liza M. S. Andrade, 2018  
nº da página:

Figura 46 - Apresentação de Sussa na celebração do Dia da Consciência Negra  
fonte: Caio M. Damasceno, 2021  
nº da página: 57

Figura 47 - Casa do bioconstrutor Kalunga Carlos Pereira  
fonte: Caio M. Damasceno, 2020  
nº da página: 58

Figura 48 - Parede em pau apique  
fonte: Talita X. Maboni, 2019  
nº da página: 60

Figura 49 - Paredes com fechamento em palha ("enxumento")  
fonte: Talita X. Maboni, 2019  
nº da página: 61

Figura 50 - Residência kalunga no Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 63

Figura 51 - Residência Kalunga construída com ripas  
fonte: Talita X. Maboni, 2019  
nº da página: 64

Figura 52 - Casa Sra Neuza Kalunga - Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 68

Figura 53 - Casa Sra Neuza Kalunga - Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 70

Figura 54 - Casa Sra. Dirani Kalunga - Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 73

Figura 55 - Casa Kalunga com adobe  
fonte: Talita X. Maboni, 2017  
nº da página: 74-75

Figura 56 - Seu João durante entrevista  
fonte: Alcileia Torres, 2022  
nº da página: 78

Figura 57 - Dona Dirani durante entrevista  
fonte: Alcileia Torres, 2022  
nº da página: 80

Figura 58 - Construção Kalunga  
fonte: banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 82

Figura 59 - Residência construída em adobe  
fonte: Caio M. Damasceno, 2021  
nº da página: 86

Figura 60 - Produção de tijolo ecológico pela equipe Ciranda Viva  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2019  
nº da página: 87

Figura 61 - produção de tijolo ecológico pela equipe Ciranda Viva  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2019  
nº da página: 87

Figura 62 - Residência construída em adobe  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 88

Figura 63 - Residência construída em adobe  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 88

Figura 64 - muro de adobe  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 89

Figura 65 - equipe em preparação do barro  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 89

Figura 66 - muro de adobe  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 89

Figura 67 - Bioconstrutor Carlos P. Kalunga  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 89

Figura 68 - Residência construída em adobe por Carlos Pereira  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 89

Figura 69 - Residência construída em adobe por Carlos Pereira  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 90

Figura 70 - produção de tijolo ecológico pela equipe Ciranda Viva  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2019  
nº da página: 90

Figura 71 - Residência construída em adobe  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 91

Figura 72 - Residência construída em adobe  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 91

Figura 73 - Residência construída em adobe  
fonte: Carlos P. Kalunga, 2021  
nº da página: 91

Figura 74 - parede de taipa de pilão  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 92

Figura 75 - parede de taipa de pilão  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 92

Figura 76 - Residência construída em adobe  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 93

Figura 77 - Residência construída em adobe  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 93

Figura 78 - Residência construída em adobe  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 93

Figura 79 - parede de taipa de pilão e bioconstrutor Marlon Pereira dos Santos  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 93

Figura 80 - Residência construída em adobe  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 93

Figura 81 - parede de adobe  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 94

Figura 82 - parede de adobe  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 94

Figura 83 - Residência construída em adobe  
fonte: Marlon P. Santos, 2022  
nº da página: 94

Figura 84 - Rio Vão de Almas  
fonte: Caio M. Damasceno, 2021  
nº da página: 96-97

Figura 85 - Área urbana de Cavalcante/GO  
fonte: Valmor Pazos Filho, 2021  
nº da página: 98

Figura 86 - Vista de construção Kalunga  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 107

Figura 87 - Travessia no Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 111

Figura 88 - Estrada vicinal no Vão de Almas  
fonte: Andreia A. Prado, 2022  
nº da página: 114

Figura 89 - Aterro avariado em ponte no rio Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 115

Figura 90 - Estrada para Engenho 2 com erosão após período chuvoso  
fonte: Rede Kalunga de Comunicações, 2021  
nº da página: 115

Figura 91 - Enchente na comunidade Vão de Almas  
fonte: Jorge Kalunga, 2021  
nº da página: 115

Figura 92 - Enchente e aterro avariado na ponte do rio Almas  
fonte: Rede Kalunga de Comunicações, 2021  
nº da página: 115

Figura 93 - Travessia no Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 116

Figura 94 - Roda de Conversa sobre Arquitetura Vernacular Kalunga - Câmara Municipal de Cavalcante/GO  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2021  
nº da página: 119

Figura 95 - Roda de conversa no V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 119

Figura 96 - Grupo Periférico durante desenvolvimento do projeto, em Cavalcante/GO  
fonte: Valmor C. Pazos, 2021  
nº da página: 119

Figura 97 - Grupo Periférico após V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 119

Figura 98 - Visita à construção de Marlon Pereira dos Santos  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 124

Figura 99 - Grupo Periférico no V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 125

Figura 100 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 125

Figura 101 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Banco de imagens do Projeto, 2022  
nº da página: 125

Figura 102 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 125

Figura 103 - V Encontro de Pesquisas, Saberes e Fazeres Kalunga  
fonte: Caio M. Damasceno, 2022  
nº da página: 125

Figura 104 - Oficina Pintura com terra - saber Kalunga, 2023  
fonte: Mileny M. Santos, 2023  
nº da página: 128

Figura 105 - Oficina Pintura com terra - saber Kalunga, 2023  
fonte: Mileny M. Santos, 2023  
nº da página: 128

Figura 106 - Oficina Pintura com terra - saber Kalunga, 2023  
fonte: Mileny M. Santos, 2023  
nº da página: 128

Figura 107 - Oficina Pintura com terra - saber Kalunga, 2023  
fonte: Mileny M. Santos, 2023  
nº da página: 128

Figura 108 - Oficina Pintura com terra - saber Kalunga, 2023  
fonte: Mileny M. Santos, 2023  
nº da página: 128

109- Residência kalunga no Vão de Almas  
fonte: Jéssica A. Coelho, 2022  
nº da página: 130

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Casa Kalunga**: a tecnologia social do adobe. In: Seminário de Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo e IV Semana de Arquitetura - Tectônica da Universidade Estadual de Goiás UEG, 2007. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Kalunga**: Uma experiência em Projeto de Arquitetura Habitacional. 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. Organização Espacial e Ocupação no Kalunga: a moradia como efetivadora. **Paranoá** - Periódico Eletrônico de Arquitetura e Urbanismo, vol. 07, 2005.

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Projeto de Arquitetura Casa Kalunga para a FUBRA/ Brasília DF**, construção de quatrocentas unidades 57 m<sup>2</sup> cada, no Quilombo Kalunga em Goiás, programa Ação Kalunga do Governo Federal por meio do Ministério das Cidades (MCidades) e da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA/MS). 2004a.

ALMEIDA, Jaime Gonçalves de. **Relatório da Consulta Pública de Projeto de Arquitetura nas Comunidades** Kalunga, Estado de Goiás. 2004b.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **O território e a comunidade kalunga**: Quilombolas em diversos olhares. Goiânia, UFG, 329p, 2015.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos Anjos. **Relatório Técnico**: Ação Kalunga - laudo da organização territorial, Periódico Eletrônica: Geobaobás, v.1, n.1 (2017), p. 1 - 73

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Cartografia da diáspora África–Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 01, p. 261-274, 2011.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombos**: Geografia Africana – Cartografia Étnica, Territórios Tradicionais – Brasília, Editora: Mapas Editora & Consultoira, 2009, 190 p.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga**: A sagrada terra. 1996.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga**: povo da terra. Brasília: Ministério da justiça, 1999.

BENITES, Eiel; GALACHE, Gilmar; COSTA, Renata Oliveira. O PROGRAMA MOSARÁMBIHÁRA: semeadores do bem viver Kaiowá. In: **I Seminário Internacional Etnologia Guarani: diálogos e contribuições**. 2016.

BEZERRA, Juliana. **Escravidão no Brasil**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/escravidao-no-brasil/>>. Acesso em: 30 jun. 2022

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Desenvolvimento Rural Sustentável. **Curso de Bioconstrução**, Brasília, MMA, 2008.

**Cultura tradicional:** comunidade do Sítio Histórico Kalunga. Encontroteca, Disponível em: <<https://www.encontroteca.com.br/grupo/comunidade-do-sitio-historico-kalunga>>. Acessado em: 30 jun. de 2022.

CUNHA, A.F. **O Calendário Agrícola na Comunidade Kalunga Vão de Almas:** Uma Proposição a partir das práticas de manejo da mandioca. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

DAMASCENO, Caio Monteiro; ANDRADE Liza Maria Souza de. Urbanismo participativo como tecnologia social do grupo Periférico da FAU/UnB: o caso do projeto do Corredor Cultural do Cerrado em Cavalcante – Go. **Anais do Urbanismo Em Comum**, Urb[A], Salvador, 2017.

DIAS, Vercilene Francisco. **Terra versus território:** uma análise jurídica dos conflitos agrários internos na comunidade Quilombola Kalunga de Goiás. 2019. 132 p. Dissertação (Mestrado em Direito Agrário (FD)) – Faculdade de Direito, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

FREITAS, Gabriel. **As expropriações e os quilombos no Brasil:** entraves entre o reconhecimento e a titulação. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GARCEZ, A. RAMOS D. COSTA, C. **Vernacular Architectural tourism network:** The case study of rural coast zones area in Portugal central region. Revista Turismo & Desenvolvimento. Portugal, 2014.

GEORGE, Pierre. “As bases geográficas da sociologia rural”. In: SZMRECSÁNYI, Tamás & QUEDA, Oriowaldo. (org.). **Vida rural e mudança social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p.15-25.

GOMES, Maria Idália et al. Construção com base em terra: contributo para a ecoeficiência na construção. In: **SGA 19-Conferência Internacional sobre Sustentabilidade na Gestão Ambiental: Inovação e desafios para os Países de Língua Oficial Portuguesa**. 2019 GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. Lei nº 11.409. GO, 1991.

MOVIMENTO REGIONAL POR LA TIERRA. **Guía para sistematizar Casos inspiradores de Acceso a la tierra y territorio en Sudamérica.** Informe, 2015.

HAESBAERT, Rogerio. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2010.

**História.** Governo do Estado de Goiás, 2019. Disponível em: <<https://goias.gov.br/historia/>>. Acessado em: 30 jun. 2022.

**Kalunga Comunicações.** Instagram, Disponível em: <<https://www.instagram.com/kalungacomunicacoes/>>. Acessado em: 30 jun. 2022.

KUWAE, C. **A Identidade quilombola e a ativação patrimonial no Povoado do Moinho.** QUADERNS 36, 2020. Disponível em: <<https://publicacions.antropologia.cat/quaderns/article/view/265>>. Acesso em: 01 julh.2023.

LACERDA, Norma. Valores dos bens patrimoniais. In: LACERDA, Norma et al. Plano de gestão da conservação urbana: conceitos e métodos. **Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada**, 2012

MABONI, Talita Xavier. **Sentido Kalunga.** TFG (graduada em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 2018.

**Você sabe o que são TICCAs? Entenda como funciona esse reconhecimento de territórios tradicionais.** WWF-Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?82348/TICCAs-reconhecimento-para-os-territorios-tradicionais#:~:text=Entenda%20como%20funciona%20esse%20reconhecimento%20de%20territ%C3%B3rios%20tradicionais%20%7C%20WWF%20Brasil&text=A%20sigla%20TICCAs%20%C3%A9%20a,e%20Comunidades%20Tradicionais%20e%20Locais%E2%80%9D>>. Acessado em: 20 maio de 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Uma História do Povo Kalunga.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental - MEC, 2001.

MORIYAMA, V. **Chapada dos Veadeiros:** antes e depois do maior incêndio de sua história. Meio ambiente, National Geographic: 05.nov.2020. Disponível em: < <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2018/04/parque-nacional-chapada-dos-veadeiros-incendio-florestal-cerrado> > Acesso em: 25 jul. 2023.

NEVES, Célia. et al. **Arquitetura e construção com terra no Brasil.** Tupã : ANAP, 2022. 251 p. (PPGARQ ; v. especial).

OLIVER, Paul. **Built to meet needs:** cultural issues in Vernacular Architecture. Oxford: Elsevier LTDA, 2006.

**Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros.** ICMBIO. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/parnachapadadosveadeiros/guia-do-visitante.html> Acessado 30 Jun 2022.

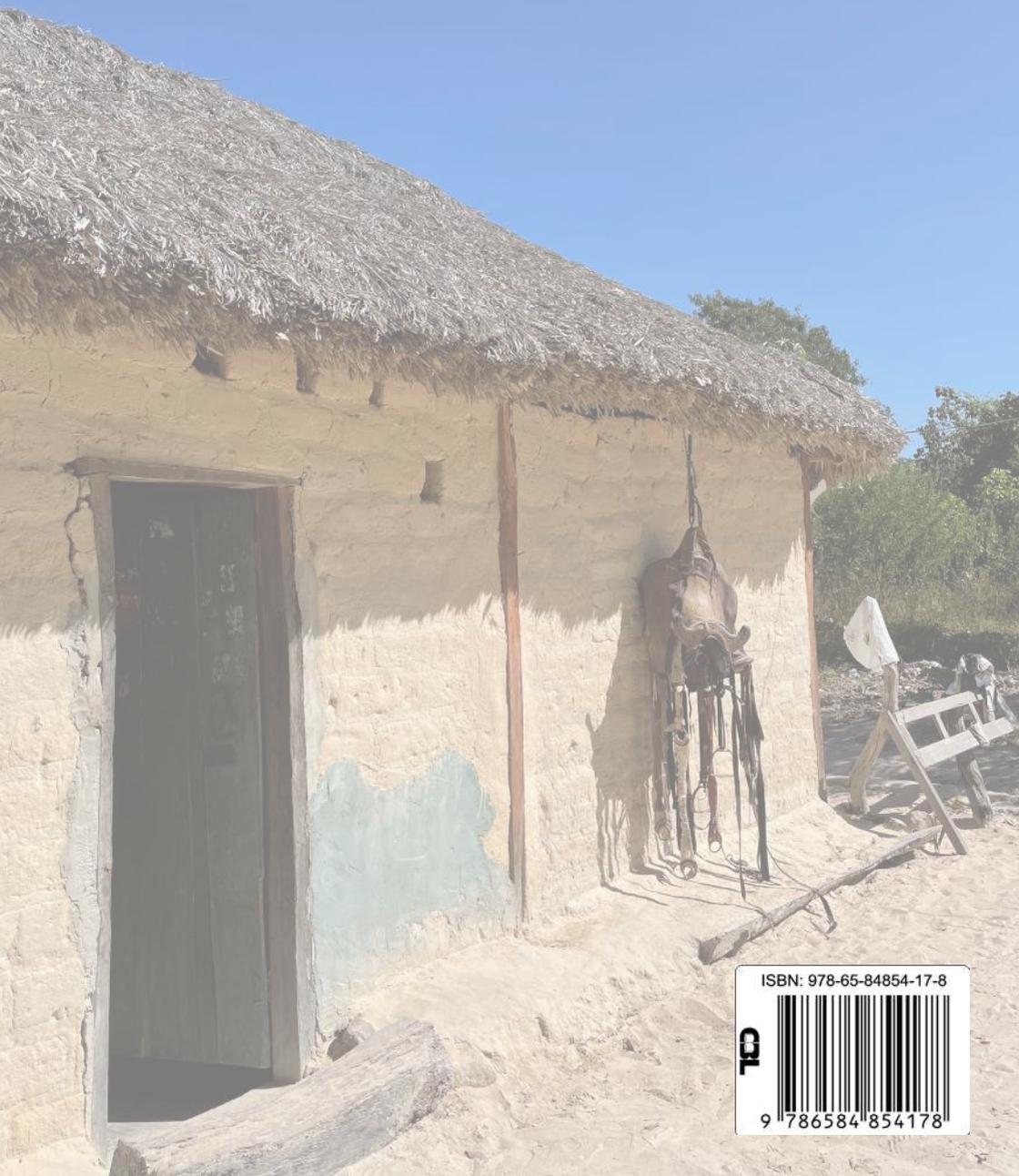
DE OLIVEIRA, Suzana Dias Rabelo; DOS ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. A organização de dados de favelas para o planejamento territorial: uma proposta metodológica. **Revista Espaço e Geografia**, v. 7, n. 1, p. 99-131, 2004.

RIBEIRO, Cecilia; LIRA, Flaviana. Autenticidade, integridade e significância cultural. In: LACERDA, Norma et al. Plano de gestão da conservação urbana: conceitos e métodos. **Olinda: Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada**, 2012.

SANTOS, Soraia dos; COSTA, Silvia. Arquitetura vernacular ou popular brasileira: conceitos, aspectos construtivos e identidade cultural local. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 24, n. 35, p. 218-258, 2017.

SILVA, Angélica Azevedo e; ANDRADE, Liza Maria Souza de; WIESINIESKI, Livia Cristina Barros da Silva. Análise das dimensões da sustentabilidade urbana no município de Cavalcante-GO: uma contribuição para a revisão do plano diretor. **Scientific Journal ANAP**, v.1, n.3, 2023. Disponível em <<https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/anap/article/view/3797>>. Acesso em: jul. de 2023.

SOUSA, Francisco. **Se o Grileiro vem, pedra vai:** Entraves da regularização fundiária no território Kalunga. Curitiba: Appris, 2022.



ISBN: 978-65-84854-17-8

**T&E**



9 786584 854178